

MARIA HELENA E HERNANDEZ

Natal – RN, Cidade do Sol, arrodeada pelas dunas e pelo mar, conhecida pelos passeios de Buggy nas dunas móveis de Genipabu, cortada pelo rio Potengi. Cidade de praias lindas, como a Ponta Negra, conhecida pelo gigantesco Morro do Careca, com seus 100 metros de altura; a Praia dos Artistas, frequentada por arquitetos, músicos e artistas plásticos, que vão a eventos culturais realizados na areia da praia, ou mesmo por artistas que chegam à Natal e se hospedam no Hotel dos Três Reis Magos e tomam banho de mar nas águas ali na frente; a Praia de Miami, visitada pelos estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, de 1941 a 1945. Natal, também conhecida como a primeira cidade do Brasil em que se usaram os óculos Ray Ban e mascaram os chicletes trazidos pelos estadunidenses na época da guerra, e como cidade em que prostitutas brasileiras aprenderam algumas expressões em inglês: *come here, let's go, fuck you, what time is it, where do you live*. Naquele tempo, as prostitutas mais cobiçadas ficavam no cabaré Maria Boa.

26/05/1975

Maria Helena estava com treze anos; na verdade, faltava um dia para completar quatorze. Nascida na cidade de Campina Grande – PB, como estava no meio das férias escolares, foi passar seu aniversário com a irmã em Natal – RN. Maria Lúcia tinha vinte e seis anos e morava no bairro Nordeste, na zona oeste da capital.

As irmãs tinham uma relação muito forte e se tratavam por apelidos carinhos: Lucinha e Leninha.

— Leninha, amanhã você completa quatorze anos, irmãzinha, já está uma mocinha! Está na hora de arranjar um namorado — sorriu Maria Lúcia.

Leninha levou na brincadeira o comentário da irmã, ela estava muito feliz por estar ali, junto de uma pessoa tão querida. As duas conversaram sobre os pais que estavam em Campina Grande e a respeito dos últimos dias que passariam em Natal, pois Maria Lúcia e o marido, cabo da Marinha do Brasil, estavam de mudança para o Rio de Janeiro. Por isso, Leninha voltaria para casa no domingo, dia 27 de junho, e a irmã embarcaria rumo ao Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa, no dia 28.

No dia seguinte, bem cedo, Lúcia acordou a irmã cantando parabéns, cobriu-a de beijos e abraços e presenteou-a com uma linda rosa amarela, simbolizando a amizade.

— Essa rosa é pela nossa amizade, mas também para despertar o amor dentro de ti, irmã — sorriu e beijou-a mais uma vez.

Leninha ficou sem entender e pensou: *Como assim, despertar o amor dentro de mim? Como será despertar o amor? O que eu tenho que fazer? Além disso, sou muito nova para namorar e entender o que é o amor; na verdade, eu não tenho nenhum pretendente.*

Ela adorou o presente e passou o dia muito feliz, ouvindo músicas do grupo ABBA e Demis Roussos. Tranquila, recebeu ligações dos pais e das amigas de Campina Grande.

Ao entardecer, foi para a varanda da casa da irmã. Sentou-se numa cadeira e ficou observando os meninos jogando futebol; podia ver os rostos sorridentes, com lágrimas de alegria. Voltou a pensar no que a irmã havia dito pela manhã sobre despertar o amor dentro dela. Ficou imaginando como as pessoas sentem o amor. Lúcia tinha dito que “o amor não se vê com os olhos, mas com o coração”.

Então, levantou o olhar para o horizonte e viu o pôr do sol mais lindo dos seus quatorze anos. A casa em que estavam tinha esse privilégio; como ficava no alto de uma praça, era possível observar um descampado onde os meninos jogavam, e ao fundo se avistava o rio Potengi (que em língua indígena significa rio de camarões), permitindo ver uma longa faixa de água e um pôr do sol maravilhoso.

Por sinal, o autor do livro *O Pequeno Príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry, chegou a escrever em uma de suas obras sobre o pôr do sol no rio Potengi. O escritor era aviador do correio francês e pousava próximo a esse

rio todas as vezes que vinha ao Brasil entregar cartas. Chegava sempre ao entardecer com o seu hidroavião e, como pousava ali, tinha o privilégio de ver o sol se pondo. Sentada na varanda, Leninha apreciava o mesmo pôr do sol que o escritor francês teve o privilégio de ver.

Aquele foi um dia mágico, Leninha estava muito grata a Deus por tudo – estar em Natal, completar seus quatorze anos e estar com sua irmã. Ela não sabia quando veria novamente Lucinha, que estava de malas prontas para ir pro Rio de Janeiro.

Será que ainda faltava algo de bom para acontecer? Diante daquele dia tão belo e de um Deus sempre tão generoso, a menina sentia que alguma coisa ainda estava para acontecer, tanto que seu coração batia mais rápido que o normal, se sentia ansiosa, com um pressentimento de que Deus ainda tinha algo especial para lhe entregar.

Leninha continuou com o olhar fixo no alaranjado do pôr do sol, descendo lentamente; o entardecer sempre fora, para ela, a melhor hora de todas. De repente, um jipe parou na casa ao lado, com três pessoas, uma garota e dois rapazes. Um casal desceu e um garoto ficou no carro; ele era lindo, parecia um anjo: loiro de cabelos cumpridos, olhos grandes da cor marrom e um semblante doce e amável. Ele começou a sorrir e olhar fixo para Leninha e, em seguida, com ar de brincadeira, fez uma careta na direção da jovem, que retribuiu com uma careta e um sorriso. O garoto não perdeu tempo, pulou do carro e foi em direção à menina. Meu Deus! Leninha não

esperava essa reação, por isso, sentiu o coração acelerar, como se saltasse pela boca. Em meio à timidez, ela se sente feliz. Vendo o garoto se aproximar, decidiu andar até ele para conversar.

— Boa tarde! – disse o garoto misterioso.

— Boa tarde! – retribuiu Leninha.

— Como a princesa se chama? – questionou pegando nas mãos da menina.

Leninha sorriu e sentiu-se uma verdadeira princesa sob aquele lindo olhar.

— Eu me chamo Maria Helena.

— Me chamo Hernandez. Se me permite, seu nome é muito lindo, é igual à dona – comentou o menino, com um tom de voz doce e suave.

— Você gosta do nome Maria? – perguntou Leninha, interessada.

— Sim, jamais vou mentir para uma moça tão linda como você, eu só minto para as feias!

Os dois caíram na risada e quase não conseguiam parar, provavelmente, pela felicidade e alegria de se conhecerem, foi um momento único.

— Você parece bem feliz.

— Sim, sim! Hoje é um dia especial para mim.

— Por que você me conheceu?

Enquanto ele falava, Leninha sorria com uma grande alegria estampada no seu rosto.

— Não... quer dizer... Hoje eu completo quatorze anos e estou aqui em Natal, na casa da minha irmã, eu sou de Campina Grande.

— Campina Grande! Lá tem muita menina linda assim como você?

— Sim, tem até mais!

— Duvido, assim Campina é o paraíso! – Os dois sorriem juntos e Hernandez continua: — Hoje realmente é um dia especial, para você, porque completa quatorze anos, mas para mim também é especial, sabia?

— Por quê? – questionou Leninha.

— Porque estou conhecendo você...

— É tão especial assim me conhecer?

— Sim, eu nunca tinha visto uma princesa de perto!

Leninha sorria sem parar, ela também estava admirada com Hernandez, era uma felicidade que nunca tinha experimentado.

— Maria, você é linda, seu sorriso também, estou encantado com você, acredite! – Hernandez falou, com convicção.

— Muito obrigada – disse Leninha, retribuindo o sorriso. — Você também é lindo.

— Obrigado! Você é desse planeta mesmo, princesa? – questionou Hernandez, enquanto Leninha apenas sorria. — Posso ser sincero? Quando você sorri, olhando para mim com esses olhos verdes, eu me arrepio. Você é sempre assim tão sorridente?

— Sim, estou sempre feliz, mas, hoje, mais ainda.

— Seu sorriso é como esse pôr do sol, lindo! Vou confessar algo para você, de hoje em diante, sempre que eu olhar um pôr do sol, lembrarei de você e do seu sorriso, sério, até o dia que eu morrer.

— Assim você me deixa sem jeito. Você é rápido nas palavras, né? — disse, sorrindo.

— Posso dar seu presente? No momento, o que tenho para lhe dar é um abraço — disse ele, abrindo os braços.

— Sim, pode! — respondeu Leninha, ainda sem conseguir conter o sorriso.

Hernandez abraçou-a e beijou seu rosto. Leninha tremia feito vara verde; o coração, que já estava acelerado, começou a bater ainda mais rápido. Realmente, ela estava se sentindo uma princesa, nunca tinha recebido um beijo de um rapaz. Sentiu os lábios dele como se fossem uma luva ao tocar seu rosto. Os olhos dela brilhavam mais que o normal. Ela estava se sentindo em outro mundo, tudo ali era novidade. Leninha tinha pressentido que faltava algo especial naquele dia, só podia ser Deus que mandou para ela um anjo no dia do seu aniversário.

Os dois ficaram sentados na varanda por um bom tempo até que o outro rapaz, que era irmão de Hernandez — ela ficaria sabendo mais tarde —, chamou-o para ir embora.

— Não vá! — Leninha falou, olhando para Hernandez.

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Leninha não podia deixá-lo ir, ele estava despertando o amor que tinha dentro dela, assim como a irmã havia falado. Nesse momento, a menina começava a sentir o que era o amor e não poderia deixá-lo ir.

— É sério, você não quer que eu vá?

— Sim, sim, não vá! – ela insistiu.

Hernandez olhou para os olhos dela e viu-os brilhar, ele também sabia que não poderia ir, essa garota parecia muito especial.

— Espere um pouco... – disse ao irmão.

Eles conversaram um tempo e, depois, o menino voltou correndo para perto de Leninha.

— Vou ficar mais um pouco, princesa.

— Que bom, não estou acreditando! – respondeu ela, sem conseguir conter a empolgação.

— O quê? – ele questionou.

— Nada não, só estou pensando alto.

Assim, os dois caíram na risada, parecia que já se conheciam há muito tempo.

— Bom, é que eu quero que você fique mais, para nos conhecermos melhor.

Os jovens voltaram a falar sobre Campina Grande, depois, ele contou algumas curiosidades sobre Natal. De repente, Hernandez olhou-a com um sorriso lindo.

— Posso lhe dar mais um beijo?

— Sim, sim.

Leninha pensou que o beijo seria no rosto, mas, suavemente, o menino a puxou e beijou-a na boca. Ela não esperava, não estava acreditando, estava atordoada, aquele era seu primeiro beijo, então, se desligou do mundo, simplesmente não sabia o que pensar.

Leninha estava viajando, flutuando, na verdade, paralisada – essa é a palavra certa – nos braços daquele anjo. Ela não tinha palavras para descrever a felicidade que sentia. Não se sabe quanto tempo durou exatamente, mas como aquele era seu primeiro beijo, foi um momento mágico. Quando eles acabaram, Hernandez olhou em seus olhos e disse:

— Esse presente foi melhor, princesa?

Ela estava *zen* e, sem conseguir responder, acabou caindo na risada enquanto lambia os lábios para sentir o gosto do beijo mais uma vez. Ele ficou sem entender, mas sorriu também.

— Esse foi o meu primeiro beijo, foi o melhor presente que já ganhei.

Leninha viu que ele ficou maravilhado. De repente, pensou: *será que isso é amor? Não estou vendo, estou sentindo com o coração, meu coração*

está pulsando de alegria, sim, isso é amor, eu tenho certeza! Estou me apaixonando por esse garoto, tudo que ele diz eu amo.

De fato, a menina olhava para ele como se fosse um anjo, lindo e amável. Tinha momentos que ele falava, mas não era escutado, porque Leninha apenas admirava seu rosto, seu cabelo e seus olhos. Ela pensava no que a irmã havia dito naquela manhã sobre o despertar do amor. Pensava na rosa e ficava confusa com seus próprios pensamentos, mas, mesmo assim, sorria. Hernandez não estava entendendo muito bem o que acontecia, mas era nítido que estava contente.

— Por que você sorri tanto? Olha essa carinha linda de felicidade...

— Por você – ela respondeu, simplesmente.

— Que bom, você também me deixa feliz, estou sentindo na minha alma.

Eles ficaram na varanda por horas conversando, até que a irmã de Leninha a chamou para jantar.

— Não estou com fome – respondeu Maria Helena.

— É, eu vi daqui que vocês já jantaram! – Lucinha respondeu, matando a irmã de vergonha.

Sim, ela tinha visto o beijo lá de dentro.
